

FRAGMENTOS DE INSPIRAÇÃO COOL MEMORIES: BAUDRILLARD E O DEVIR PÓS- NIETZSCHEANO

Francisco Menezes Martins¹

Resumo

O presente texto trata da cibercultura e suas interfaces com a os valores humanos, a partir do legado filosófico de Nietzsche e Baudrillard.. A idéia fundamental é realizar uma trilha sobre seus pensamentos, com a intensidade do aforismo. Além do senso comum, a inteligência coletiva de um rebanho customizado, que acredita haver superado as limitações da consciência individual.

Palavras-Chave

Mídia – Cibercultura – Filosofia da Comunicação – Nietzsche – Baudrillard

As trilhas do pensamento ocidental levam a diversas perspectivas. Das névoas do século XIX, são reveladas pegadas que chegam ao atual, sob a forma de filosofia da cultura e da técnica. O olhar que permite a dimensão do tempo. Que estende o horizonte do homem ao vazio do sentido. Desconstrução de utopias modernas, arrastadas em agonia para além do sentido da conservação.

Muitas idéias formuladas por Nietzsche poderiam ter sido pronunciadas por Jean Baudrillard. O inverso também é possível. Porém, é no estilo e acidez extemporânea que ambos se encontram para conjugar a crítica do homem e seus valores.

O ponto de cruzamento iniciaria na fase pré-socrática da filosofia ocidental. A sentença de Anaximandro sobre o perecer ao devir arremessa o pensamento sobre a religião e as conjecturas místicas. A duração do mundo orgânico e inorgânico se torna um primitivo problema de pesquisa.

A ilusão da imortalidade, da tentação divina de superar o corpo e seu destino, fundou as religiões. Quantas explicações de fenômenos naturais eram moralizadas em nome de um sentido a priori e legislativo. De uma inocência perante o mundo, ao moralismo platônico vinculado à religião e à política, o pensamento helênico viveu os extremos da lembrança e do esquecimento.

Nietzsche reclamava um retorno aos pré-socráticos, como forma de afirmar um devir liberado das fábulas e da moral: construções seculares que balizaram a visão humana sobre si e a natureza. Não havendo origem natural para as medidas, essas só poderiam ser provenientes do ardiloso terreno da moral. “O homem é um animal que mede” se torna uma sentença genérica para a vida.

Inicialmente, considerar as origens do bem e do mal, assim como as manifestações culturais sobre suas valorações, conceitos em perspectiva que ilustram as faces mesquinhas da vontade de potência. A religião, a ciência e a técnica moderna como vetores póstumos à “morte de Deus”. A plataforma dos valores em mutação. A cultura industrializada como

passagem do superego religioso para o científico. Posteriormente, do científico para o tecnológico.

Das interpretações, as irradiações irônicas e sarcásticas sobre o tempo e seus rebanhos humanos. A necessidade da comunicação como um instinto básico da espécie. A covardia escondida e ressentida de sacerdotes de diversos altares como alvo do niilismo afirmativo que não cessa de produzir seus efeitos nos escritos de Jean Baudrillard. A idéia que fundamenta o presente texto é realizar uma trilha sobre seu pensamento, com a intensidade do aforisma, inspirado em Nietzsche e na série *Cool Memories* do próprio Baudrillard.

1

A relação do homem com a moral e suas formas, em ambos séculos, se dá no que é profundamente marcado e constantemente lembrado. Por exemplo, a posição, a oportunidade, a possibilidade: forças reprimidas e posteriormente liberadas em campo destinado à comunicação humana. Acredita-se que poderia estar realizado o tal efeito misterioso descrito por Baudrillard: a indiferença pelo excesso de coisas a serem valorizadas conduz menos à vontade que à consciência.

2

O que é revelado apenas uma vez possui vontade de poder. Quer se repetir. Mais, quer se perpetuar, ainda que saiba de seu fim. A tecnologia de memória faz banco de dados como próteses humanas. A tecnologia do atual faz o presente se acumular sobre si próprio. Uma dobra que expande o horizonte para pontos já constituídos na consciência. O mistério também é como a crença constrói verdades

“Ao falseamento da vontade, uma consciência superficial que age como simulacro do pensamento: As grandes impulsões positivas, eletivas, atrativas desapareceram. Desejamos apenas de modo fraco, nossos gostos são cada vez menos determinados. As constelações do gosto, do desejo, como da vontade desfizeram-se não se sabe por qual efeito misterioso” (Baudrillard, 1996: 80).

3

Nesta zona comum, os valores se aceleram e se cristalizam pela própria substituição. Nestas trocas velozes, não importa mais qual valor, mas o valor de que algo está sendo comunicado. Neste sentido final, apenas uma crença, uma imaginação e, talvez, precisamente fatídica estupidez da qual um dia pereceremos” (Nietzsche, 2004, §354). A invenção da verdade, como fábula, útil aos rituais da crença no consenso possível, ou na versão predominante sobre fenômenos que escapam dos sentidos, aliam o imaginário tanto à moral do homem idealmente melhorado, como à moral do homem utilmente disciplinado.

4

No que diz respeito à relação entre valores humanos e comunicação, levando em conta a moral, a representação do homem, enquanto utilidade, está ancorada ainda nas idéias de disciplina, de Foucault, ao mesmo tempo em que, é possível afirmar que, do ponto de vista da interioridade nietzschiana, ela oscila entre o que nos fizeram saber e o que queremos saber. Mais, atuando sobre o que se pode saber, a relação define todo um dever ser moral, a partir da comunicação, da consciência da espécie, um discurso para a média, mas que aspira aos extremos.

5

A moral midiática não tem negatividade tecnológica, nada poderia impedir este nirvana comunicacional. Para tanto, as idéias de poder desaparecem. No simulacro e na vontade de representar o que já não existe como cena, apenas como encenação: a vontade individual não disciplinada desaparece, dando lugar à consciência midiática da humanidade. Esta, sim, herdeira da educação do indivíduo utilmente disciplinado. A consciência é disciplinada, portanto. A individualização atual está mais para a utilidade aos objetivos do poder como produção de realidade, do que para o conceito da individualidade como finalidade humana, que deseja ser lembrada como parte do iluminismo, uma genealogia do ideal, e esquecida enquanto parte da disciplina, constituída como uma genealogia da moral.

6

Quase no final do século pasado, a sensación de futuro parecía desviar da linha imaginaria projetada décadas atrás pelos próprios rumos da sociedade de consumo e da sociedade do espetáculo. A saída do 'para-além', conforme os preceitos nietzscheanos não satisfaziam a angústia de Jean Baudrillard. Parecia buscar o horizonte onde ele poderia nunca ter estado. A sedução maior pela comunicação entre outros seres de sua espécie provocou o deslocamento do pensamento de um possível "além-do-homem e de seu tempo" para uma operacionalizável equação: comunicação = passatempo = espetáculo = consumo = felicidade.

7

O sentido de estar em contato ganha extensões e a percepção se virtualiza. Seria uma forma de eliminar a ilusão. " Com a Realidade Virtual e todas as suas conseqüências , passamos do extremo da técnica à técnica como fenômeno extremo. Para além do final, já não há reversibilidade ou rastros, nem sequer a nostalgia do mundo anterior" (Baudrillard, 1995, p.53). A suspensão dos valores, do tempo e da própria memória aponta para o momento de uma civilização entre dois espelhos. Como se os reflexos do passado e as paródias de futuro criassem um feixe de luzes e imagens sobre o presente.

" Em algum momento da década de 80 do século XX, a história tomou a curva e girou em direção oposta. Uma vez superado o apogeu do tempo, o pico da curva da evolução, o solstício da história, começa o declínio dos acontecimentos, o desenvolvimento em sentido inverso" (Baudrillard, 1995: 23)

8

O acúmulo de signos, tanto pelo descongelamento do passado, como o êxtase do presente projetado ao futuro, promovem a "reversão da história" (Baudrillard, 1995). É neste contexto que a idéia de 'Servidão Voluntária' investigada por Debord e Baudrillard, com clara inspiração no conceito de "Instinto de Rebanho" ou, ainda, "Moral do Escravo" (Nietzsche, 1993) ganha a atualidade através dos mercados de consumo de modos de vida que fluem em produtos e serviços comunicativos/interativos, de caráter sedutor.

9

A comunicação em estado de “virulência” (Baudrillard, 1992) atinge altas velocidades quando o corpo social está em todas as rotas da irradiação. Não por acaso, mas pela simples dependência vital entre os sistemas de simulacro, que surgem da interação comunicacional entre consumidores previamente rastreados e dispostos em perfis para os quais sempre haverá um novo motivo para “investir em sua felicidade”.

Já não há manifestação humana distante de algum conceito de consumo, visto que este pode se exercer apenas pelo olhar. Sendo a visibilidade considerada uma armadilha por pensadores como Foucault (1987), mas, por outro lado, levando-se em conta a idéia do “fim do palco e da platéia” (Baudrillard, 1998), a aparição de pessoas comuns nos lugares anteriormente reservados às estrelas, conduz o pensamento ao conceito de visibilidade como trunfo, conquista ou recompensa, por algo que não se conquistou, mas por algo que seduz ao simulacro do tanto faz ser verdade ou não. Ser merecido ou não. No círculo estaria a noção de hiper-realidade, que Baudrillard desenvolveu em diversas obras a partir de *Simulacros e Simulação*.

10

“É um processo circular – da simulação, o do hiper-real. Hiper-realidade da comunicação e do sentido. Mais real que o real. É assim que anula o real” (Baudrillard, 1991: 105). Porém, se a visibilidade é um valor importante na atualidade, a idéia de relação com a aparência também é relevante. Mais, ainda:

“Para que haja sedução, é preciso que os sinais ou as palavras funcionem à revelia, como no Witz, é preciso que as coisas estejam ausentes delas mesmas, que as palavras não queiram dizer nada, mas sem o saber (somente a linguagem sabe) – como na espionagem de S., em que aquela segue é a única a saber que o outro não vai a parte alguma ou inversamente, como na morte em Samarkand, em que aquele que pensa estar fugindo para qualquer lugar, o outro, a Morte, sabe onde ele vai e lá o espera” (Baudrillard, 1996: 121)

11

Apesar de ter escrito que se deveria esquecer Foucault, Baudrillard também pensa o poder como relação. Apenas uma aproximação para voltar a afastar-se. Corpo disciplinado, no

primeiro e corpo seduzido, no segundo. Se em ambas há perda de uma possível liberdade, as grades da disciplina estão na alma e na arquitetura, enquanto as da sedução estão na ordem do imaginário e de perda de referência pela vertigem. Vale ressaltar que das distintas formas de sedução, pode-se, a partir de Baudrillard, valorizá-las como de ataque ou defesa. Na instância das relações humanas e das artes, sedução é defensável. No uso deliberado do capitalismo midiático/interativo, merece ser atacada.

12

A energia liberada é capaz de se concentrar em finalidades variáveis. A idéia de que as massas, aglutinadas ou dispersas, já não importa a fisicalidade das ações, possuem identificação com os valores da causa, tendo condições de responder às jogadas da interatividade em seus distintos níveis. Se a comunicação alienava por retirar o indivíduo do convívio social de primeiro grau, a virtualização o devolve à sociabilidade sob novas circunstâncias de servir voluntariamente ao jogo dos signos remunerados. Da especulação do simulacro de terceiro grau sobre o abandono das “cenas primitivas”(Baudrillard, 1992), o desaparecimento, uma vez que onde “Macluhan via nas tecnologias modernas ‘extensões do homem’ , seria conveniente que as visse como ‘expulsões do homem’ “(Baudrillard, 1995: 55).

13

A noção de passatempo sofre mutações e hibridações com o trabalho, a família e relações sociais. A confluência de espaços e tempos são marcas do simulacro. A massificação individualizante, assim como a individualização massificada das tecnologias digitais, principalmente as móveis, permitem a convergência e acompanham o homem a fim de que ele não sinta a solidão da própria existência. Não basta sentir-se só, é preciso comunicar a solidão. Não basta dividir os tempos de trabalho e lazer, é preciso que o trabalho tenha clima de lazer. Neste sentido, a contribuição de Deleuze(1996), que trata da continuidade de modulações na sociedade de controle, onde não se termina nada, uma dívida eterna e impagável.

14

A resignação servil permite que o sonho formatado do simulacro vitamine a frágil ilusão vital. A questão é a fórmula utilizada: vontade retirada e trocada por interatividade dirigida e opcional dentro de uma imensa escala de valores, nos quais a idéia de labirinto não permite que se imagine outro sentido que não seja o de percorrer na voltar ao ponto inicial. Como se fosse uma nova rotina, um novo destino que surge a partir das rotas percorridas e das identificações renovadas ou conservadoras de sedimentados valores que se distribuem entre tribos estéticas com estratégias pontuais na rede e fora dela. Uma era de humanos anfíbios, no sentido de ser adaptado a dois meios distintos. Uma vida estimulada externamente e, aparentente ser o seu próprio estímulo. A relação entre causa e efeito está abalada para sempre.

15

A vontade em declínio, a sedução em alta.. A energia não encontra sua finalidade e se dispersa sem qualquer princípio de ordem. A idéia de um jardim de conceitos resistentes e extremos ao radicalizar a questão atual do homem e do mundo técnico. Do computador ao cyborg, as relações não cessam de se dar. Elas preocupam o pensamento contemporâneo da comunicação.

16

Através de Jean Baudrillard, as idéias alçam vôo sobre cartilhas prematuramente desgastadas, do pensamento contemporâneo das tecnologias do virtual, das cenas midiáticas do século XX, passando pela virada explosiva para o século XXI, quando a virtualização começou a atingir sua mais alta velocidade até então.

17

A história da metafísica é conhecida. Sua ampliação se deu através da mesma forma que o pensamento divino-religioso da origem. Uma causa com sentido atribuído a posteriori, mas com a aura de ter sido descoberta enquanto origem.

18

Jogo circular de simulacro autista. Ao longo dos últimos anos, as guerras e os atos do terrorismo internacional não passam despercebidos da lente ironicamente niilista: Guerra do Golfo, Croácia, Bósnia, o caso do Teatro de Moscou, Romênia, entre outros, foram analisados em livros anteriores, sob suas equações subjetivas, como simulação, transpolítico, irradiação viral de valores, hiper-realidade, ilusão, sedução e cultura transestética. Desta feita, Baudrillard se alimenta do terrorismo globalizado, virtualizado e gerador do senso comum, de um dentro e um fora da cultura ocidental.

19

Como se ouviu repetidas vezes depois do atentado de 11 de setembro: o mundo nunca mais será o mesmo. Assim, o centro simbólico do poder em teia, que se globaliza para não morrer de subnutrição, caiu duas vezes. Cada torre nocauteada, fez soar o sino de uma batalha perdida. Por que duas torres? Baudrillard argumenta:

“O desabamento das torres é o acontecimento simbólico maior. Imaginem se não tivessem desabado, ou que apenas uma delas desabasse, o efeito não seria de modo algum o mesmo. A prova gritante da fragilidade da potência mundial não teria sido a mesma. As torres, que eram o emblema dessa potência, ainda a encarnam nesse fim dramático, que lembra um suicídio”. (Baudrillard, 2003: 14)

20

O inesperado ataque dava a impressão de ser um acidente, com sua posterior repetição eletrônica. A ilusão de ótica se deu pela embriaguez da simulação de imaginários. A maior possibilidade era da dobra da cobertura do acontecimento e não da duplicação do mesmo. A segunda torre atingida confirmou o ato de terrorismo. Encerrou a ilusão do acidente e fez o mundo ocidental duvidar de sua irreduzível potência. O Mal triunfaria? Baudrillard busca inspiração na primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, de Nietzsche, para proferir que:

“O raciocínio da consciência moral é este: dado que somos o Bem, quem nos atacou só pode ser o Mal. Mas se, para esses que pretendem a encarnação do Bem, o Mal é inimaginável, então só pode ser Deus quem

os ataca. Para puni-los, no fundo, pelo que, a não ser por um excesso de Virtude e de Poder, por essa falta de cabimento que é a indivisão do Bem e do Poder”. (Baudrillard, 2003: 32)

21

O Mal tem muitas faces. Talvez, mais do um jogo de cartas inteiro. Osama Bin Laden era este rosto. As crianças o temiam. A América chegou ao ápice da paranóia. Seria atacada pelo correio. Todos envenenados pelo Mal. E o Iraque? O inimigo não era Saddam Hussein? De pai para filho, a herança de uma batalha ainda não vencida. Baudrillard já havia adiantado em seu *América* (Editora Rocco, 1986) a questão da “utopia realizada”, que levaria a novas fronteiras a missão messiânica de expansão global, sob o pretexto da proteção mundial. Somente o Mal seria capaz de desafiar esta lógica. Nova Iorque, capital da América Global.

22

Meses depois, Os Estados Unidos desistem de caçar Bin Laden e Saddam volta a ser o inimigo público número um. A raposa e as uvas? Agora, as armas químicas iraquianas poderiam colocar o mundo em perigo. Era preciso uma nova resposta. Bush II, a vingança. Desta vez, como no cinema e, ao contrário das últimas versões da realidade, a América reagiria. As imagens de 11 de setembro tinham um rótulo: “*America Under Attack*”: “O espaço virtual do global é o da tela, da rede, da imanência, do digital, um espaço-tempo sem dimensão”.(p54).

Assim, o campo de batalha já estava definido. Se o Mal chegou pela tela, O Bem atacará através dela. Questão de honra, de orgulho:

“ Faltava aos americanos uma ferida como essa(em Pearl Harbor eles foram atacados em termo de guerra e não de agressão simbólica). Revés ideal para uma nação atingida no coração e livre para, por Tê-la expiado, exercer toda sua boa consciência(...) Os Estados Unidos tomam-se pelos Estados Unidos e, em mal de alteridade atolam-se em si mesmos na mais louca compaixão. Sejamos claros: Os Estados Unidos são aqui apenas a alegoria ou a figura universal de toda potência incapaz de suportar o espectro da adversidade (Baudrillard, 2003: 33-34)

23

Muitas hipóteses surgiram para explicar a origem do terrorismo. Baudrillard circula por pontos de vista e pensa o objeto pelo deslocamento em perspectiva do sujeito. O pensamento radical, do qual é intérprete, pretende levar a idéia ao extremo e se traduz, também no conceito:

“ O 11 de setembro levantou com violência a questão da realidade, cuja hipótese fantasiosa do complô é subproduto do imaginário(...) Deve-se antes de tudo salvar o princípio de realidade. O negacionismo é o inimigo público número um. Ora, na verdade, vivemos já amplamente numa sociedade negacionista. Mais nenhum acontecimento é ‘real’. Atentados, processos, guerra, corrupção, sondagens: nada mais escapa aos truques e tudo está fora da possibilidade de decisão. O poder, as autoridades, as instituições, são as primeiras vítimas dessa desgraça dos princípios de verdade e realidade”. (Baudrillard, 2003: 46-47)

24

É impossível compartimentar o pensamento de Baudrillard em categorias. A sistematização é sua inimiga. As idéias atravessam o sentido colocado em cada texto. O tema se repete. A análise, idem. Os acontecimentos são trocados por seu signo de artificialidade: as telas do senso comum e a alfabetização de fragmentos a partir do intercâmbio de sentido compartilhado. O fluxo e a permanência se alternam na percepção da perspectiva proposta. A potência mundial muda de nome e endereço. O Mal se transfigura no jogo da circulação da informação.

25

Versões da fábula da vontade de poder humana reduzida ao ato de dominar em detrimento do ato de criar (Nietzsche). A natureza humana disposta nas superfícies planas e nos relevos imagéticos da geografia transpolítica, tornada refém. Troca-se a vontade de ilusão do imaginário pela “servidão voluntária” da hiper-realidade. Troca-se o Mal, vestígio do que ainda não foi simulado no interior do território do Bem. Além do senso comum, a inteligência coletiva de um rebanho customizado, que acredita haver superado as limitações da consciência individual. Baudrillard sorri maliciosamente.

26

A auto-publicidade dos Estados Unidos não conhece o Real. A referência é seu próprio simulacro. E as máscaras, trocadas, jamais retiradas. Qual é a face da guerra virtual? Ou melhor, Em qual interface a máscara técnica do poder circulará como senso comum da moral da positividade? Quando o terrorismo é uma estratégia comunicacional, surgem milhões de reféns portadores da Síndrome de Estocolmo. Quando o mundo é global, na esfera política: “A manipulação é uma tecnologia de suave violência pela chantagem”. (Baudrillard,1996,p.37) Todos somos reféns do "hoje", na mesma forma das massas. “O único ato transpolítico é o terrorismo, o que revela nossa miséria transpolítica e tira dela conseqüências extremas. E isso, infelizmente para nossos espíritos críticos, de qualquer lado que seja. Não há mensagem na tomada de atitude, ela não tem sentido nem eficiência política; é um acontecimento sem conseqüências (ele desemboca sempre num *dead end*): mas os próprios acontecimentos políticos ofereceriam outra coisa além de ma falsa continuidade? É a solução da continuidade que é interessante.

27

Outrora ela atuava como revolução, hoje ela só consegue chegar a efeitos especiais. E o próprio terrorismo é apenas um gigantesco efeito especial”. (Baudrillard,1996,p.37) A noção do universo é fragmentada e simultânea. Não se questiona se há algum sentido. Vive-se com pressa. A publicidade seduz. Conforto e tecnologia. A pressa é pretexto da superficialidade e se manifesta em todos os pontos. As notícias surgem e se autoconsomem, segundo a lógica consenso/conflito. O ritmo acelerado reduz a possibilidade de reflexão. As imagens do mundo nos são familiares e nem sabemos o motivo. Elas tapam o vazio dos imaginários ao se colocarem como a alteridade da humanidade.

28

A era dos simulacros, desde o ponto de vista de Baudrillard, apresenta as marcas do que desapareceu. O objeto é irônico e o sujeito, sua vítima fatal. Da pretensão de poder sobre o objeto, ele perdeu a vontade de poder como sujeito que afirma. Nesta perspectiva, o virtual informático seria um imenso congelador que conserva o que nele foi guardado. Observa-se

que sua característica lúdica e onírica revela o grau de saberes em circulação. O devir software da técnica dissolve-se e confunde-se com o devir do mundo.

29

Nietzsche e Baudrillard na mesma teia: o “mundo verdadeiro” contemporâneo é o “mundo do simulacro” e que o “mundo das aparências” é o “mundo do real” agonizante pela sua elevação à potência da hiper-realidade: um real acrescido de suas imagens, que ao invés de aumentá-lo, acaba por fazê-lo desaparecer. E é exatamente o desaparecimento do real como “mundo das aparências” que faz do simulacro a imagem do “mundo verdadeiro”.

30

A mídia atualiza a questão ontológica de que o nada como continuação é o pior inimigo do algo. Desde uma perspectiva comparativa, nota-se que Nietzsche falava na chegada em retorno do nihilismo, enquanto Baudrillard se debruça sobre a questão da continuação do nada como fluir. Ambos se complementam no devir do nihilismo: fluxo e retorno. Ao estabelecer o mundo como construção técnico-retórica, o discurso midiático é idealista e remete a uma fantasmagórica dimensão de espectros simbólicos. Desta forma, “o nada combatido em nome de um algo transmitido” torna-se um slogan da cultura midiática pós-moderna.

31

Respira-se uma aparente liberdade de escolha dos produtos informativos e de entretenimento, e que esta seria um acréscimo à qualidade de vida baseada numa vontade proveniente da interatividade. Salta à vista a atualização da estultícia nos procedimentos de interação das potencialidades enquadrada pelas facilidades da tecnologia. Afirmar a vontade não é a mesma coisa que interagir potencialidades.

Referências

- Baudrillard, J. (1996) *As Estratégias Fatais*. Rio de Janeiro. Editora Rocco.
- Baudrillard, J. (1995) *El Crimen Perfecto*. Barcelona. Anagrama
- Baudrillard, J. (1992) *A Transparência do Mal*. São Paulo. Papyrus
- Baudrillard, J. (2003) *Power Inferno*. Porto Alegre. Editora Sulina
- Baudrillard, J. (1993) *La Ilusión del Fín*. Barcelona. Anagrama
- Baudrillard, J. (1994) *Da Sedução*. São Paulo. Papyrus
- Baudrillard, J. (1998) *Tela Total*. Porto Alegre. Editora Sulina
- Baudrillard, J. (1999) *Cool Memories*. Barcelona. Anagrama
- Foucault, M. (1987) *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Editora Vozes
- Nietzsche, F. (2003) *Humano, Demasiado, Humano*. São Paulo. Cia. Das Letras
- Nietzsche, F. (1994) *El Ocaso de los Ídolos*. Madrid. A-L Mateo

¹ Professor, Pesquisador e Líder do Grupo de Pesquisa em Cibercultura do mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Doutor em Comunicação UCM/Espana. Membro do Conselho da Abciber. Consultor da Capes.